



O seringueiro  
Nilson dissemina  
técnicas de manejo  
nos assentamentos

Fotos Louise Sottomaior

# O sonho de Chico Mendes

*O reduto dos seringueiros vence a estagnação econômica com a extração seletiva de madeira e a formação de um pólo moveleiro*

Xapuri é uma longínqua cidadezinha no interior do Acre, mas sua importância é conhecida, no Brasil e no exterior, sobretudo por quem estuda os problemas da floresta amazônica e de seus habitantes. Foi a Xapuri que, nos anos 40, chegaram milhares de “soldados da borracha”, nordestinos incumbidos de plantar seringueiras durante a Segunda Guerra Mundial. Também foi lá que, nos anos 70, eclodiram alguns dos primeiros cho-

ques de índios e seringueiros com os latifundiários que ocuparam e desmataram a Amazônia, estimulados pelo governo militar. Xapuri viu emergir e tombar assassinado Chico Mendes, líder seringueiro que lutou pela união dos moradores da floresta em torno de sua exploração sustentável e foi um dos fundadores do PT no Acre. Após a morte de Chico, os trabalhadores da sua cidade se organizaram em mais de 20 sindicatos, defendendo as idéias do líder.



A firmeza dos seringueiros acreanos ganhou a atenção do mundo, mas Xapuri continuou a conviver com as dificuldades de um lugarejo perdido na Amazônia, com escassa vocação econômica. Além da pouco rentável exploração de borracha e de castanha, não havia atividade capaz de oferecer emprego. No início de 1997, a estagnação tinha fechado boa parte do comércio da cidade. Essa foi a situação com que se deparou, ao tomar posse, o prefeito petista Júlio Barbosa, ex-sindicalista que tinha substituído Chico Mendes na presidência do Conselho Nacional dos Seringueiros pouco antes do assassinato. Barbosa, que cumpre seu segundo mandato, concluiu que era preciso redefinir o perfil econômico de Xapuri. Eram necessárias boas idéias.

Um deputado estadual petista teve uma. Ainda em 1997, Ronald Polanco sugeriu à Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes (Amorex) fazer o manejo sustentável de madeira, um conjunto de técnicas para extrair seletivamente as riquezas da floresta sem devastá-la. “As pessoas reagiram mal”, lembra Luiz Pereira, na época presidente da Amorex e hoje vice-presidente da Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (Caex). Polanco



**Escola rural no Assentamento Cachoeira, uma reserva extrativista**

não desistiu. Propôs a mesma idéia a uma das comunidades da Reserva Chico Mendes, o Assentamento Extrativista do Cachoeira. As dez famílias do seringal toparam. Por lei, cada família pode extrair 100 metros cúbicos de madeira por ano. Mas conseguir autorização para isso não é fácil. É preciso fazer o inventário da região e realizar estudo de impacto ambiental. Uma árvore só pode ser abatida se tiver, num raio de 200 metros, ao menos três descendentes: uma filha e duas netas.

**Madeira certificada** – Todos os Melos da produção têm de ser monitorados, incluindo a serraria e o transporte. A prefeitura arrumou as estradas e, junto com a Caex, tornou-

se responsável pelo escoamento da produção do primeiro assentamento no Brasil a comercializar madeira manejada. Todo o processo é monitorado pelo Conselho de Manejo Florestal (FSC na sigla em inglês), que já certificou 25 milhões de hectares de florestas no planeta. Para que tudo saísse como exige o FSC, foi preciso treinar os extrativistas.

O treinamento inicial coube a profissionais convidados pela prefeitura, mas hoje a tarefa é quase exclusividade de Nilson Mendes, ex-presidente da Amorex. Ele é seringueiro, castanheiro, um especialista na mata. Desde 1999, aprende técnicas para fazer o manejo: inventário, seleção, divisão de lotes, a documentação necessária. Hoje Nilson é referência no assunto e transmite conhecimento para outras comunidades interessadas. “Eu ensino a comunidade a mudar”, diz. Quem custeia essa assistência é a produção dos alunos, que pagam 10% do que for gerado graças a seus ensinamentos.

Apesar de a exploração das seringueiras e da castanha continuarem, atualmente a grande produção do Assentamento Cachoeira é a madeira. “A Amazônia sempre foi pensada de fora, a comunidade local nunca foi respeitada – nem índios, nem seringueiros”, diz Francisco de Assis Monteiro de Oliveira, o Assis, presidente regional do PT e secretário municipal de



**A casa de Chico Mendes hoje é atração turística**

Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente. “Esse novo modelo respeita o meio ambiente e desenvolve a nossa economia, como Chico queria.”

**Pólo Moveleiro** – O desenvolvimento no campo é evidente e a cidade não ficou para trás. “A solução para municípios que têm muita gente no campo é apoiar essas atividades rurais e desenvolver a indústria de beneficiamento na cidade”, diz o prefeito Júlio Barbosa. A idéia foi posta em prática com a criação do Pólo Moveleiro. O projeto teve impulso depois de uma viagem de um grupo formado pelo ex-bispo de Rio Branco d. Moacyr Grechi, pela atual ministra Marina Silva e pelo padre Luiz Cepp, o pároco de Xapuri, à região de Como, na Itália, terra natal do padre e produtora de móveis. Foi criada lá a associação Amazônia-Brianza, que captou recursos para a com-

pra de máquinas e a construção de três prédios em Xapuri.

Num desses prédios, a designer Etel Carmona criou com sócios a empresa Aver Amazônia, para fabricar móveis com madeira certificada. Mas grande parte dos recursos – e os outros dois prédios – foram destinados à Escola de Marcenaria e Ebanesteria



Carlo Castiglione. A primeira turma se formou em 2003. Cinco alunos logo montaram uma cooperativa. “Antes não havia produção de móveis aqui. Agora temos empresários exportando móveis de fino design”, orgulha-se Irã Inês, secretária municipal do Trabalho e do Bem-Estar Social.

A memória de Chico Mendes estimula outra atividade em Xapuri, o turismo. Pela cidade, ainda se lê “Chico Mendes vive”. Centenas de brasileiros e estrangeiros aportam em Xapuri todos os meses para conhecer sua história de heroísmo. A prefeitura criou um roteiro turístico para que se conheçam todas as vertentes de Chico Mendes: a pessoa, o político, o líder sindical e o mártir. A casa de Chico é mantida do jeito que estava quando ele morreu. O domínio que jogava antes de ser assassinado continua sobre a mesa.

*Louise Sottomaior, de Xapuri*

## Uma designer amazônica

**Valdirene Bezerra da Silva** tem 23 anos e é uma das mais novas empresárias de Xapuri. Sócia de uma cooperativa de móveis feitos com madeira certificada, ela é a principal responsável pelo design de alto padrão que é exportado para vários países, sobretudo a Itália. Quem imaginaria que Valdirene passou 2002 desempregada, depois de

oito anos trabalhando em Rio Branco como garçonete? “Fui agarrando as oportunidades que apareceram e deu tudo certo”, conta. A primeira chance foi a de integrar a turma inaugural do curso da Escola de Marcenaria e Ebanesteria Carlo Castiglione. Valdirene foi uma das 18 escolhidas entre os 80 candidatos e, em 2003, aprendeu

um pouco de geometria, engenharia e alto design antes de pôr a mão na madeira, moldar os móveis e dar o acabamento perfeito. No curso, aprendeu também a gerir uma empresa. Assim que se formou, no final do ano passado, juntou todos os ensinamentos e, com outros quatro colegas do curso, criou uma cooperativa. O terreno e o prédio foram doados pela prefeitura e os equipamentos são alugados por um preço camarada. “Nós pagamos 15% do lucro pelo uso do maquinário”, diz Valdirene. A contrapartida é ensinar aos novos alunos as técnicas e práticas que aprendeu. “Assim, quem sabe, eles também podem montar uma empresa no final do ano”, torce. Da concorrência ela não tem medo, não. “A demanda é tanta que não conseguimos atender nem uma pequena parte dela.”

